

CORPO

Ricardo Lísias

UM

Se eu tivesse mais coragem, voltaria ao pátio só para ver se aquele homem estava mesmo com um relógio de bolso pendurado no colete. Mas agora que eu já cheguei até aqui, acho melhor não voltar para trás: tenho medo de perder a coragem e não conseguir falar tudo para ela. Dessa vez, prometo, vou ter coragem. Ela merece. Por isso, inclusive, resolvi vestir a minha melhor roupa. Eu me sinto mais corajoso assim. A minha melhor roupa me deixa mais forte. Mais seguro. Um relógio de bolso, pensando bem, me daria mais controle. Forte, seguro e controlado, certamente eu teria coragem para falar tudo o que eu sempre quis. Só que eu precisaria de um bolso no colete para pendurar o relógio. Modelos de bolso ficam elegantes apenas no bolso. Um bolso me deixaria mais controlado, e um relógio, pois eu teria onde esconder as mãos se ficasse com vergonha.

DOIS

Não preciso ter vergonha: provavelmente, Maria seria internada aqui mesmo se nunca tivesse me conhecido. Não é isso, claro, que eu pretendo dizer. Se fosse, aliás, eu não precisaria de um bolso para esconder as mãos se sentisse vergonha. O bolso seria importante apenas se eu tivesse vindo visitá-la carregando um relógio de bolso. Ele me deixaria mais controlado. E também me obrigaria a ter um bolso. Se eu ficasse envergonhado, poderia colocar as mãos no bolso. Ou ver as horas, ou até mesmo comentar a sua elegância. Maria sempre foi uma mulher muito vaidosa. Se estou bem lembrado, nunca a vi com os cabelos despenteados ou com a roupa amassada. Muito menos com a mão no bolso. Bom, isso eu posso falar. Não vou sentir vergonha e, portanto, poderei continuar com as mãos livres. Mas um relógio, sem dúvida, me deixaria mais controlado.

TRÊS

Não posso dizer com certeza se aquele homem tinha mesmo um relógio de bolso pendurado no colete. Parece que os pacientes estão sempre mexendo as mãos. Isso os deixa mais controlados. Talvez lhes dê também mais coragem, mas não tenho certeza. Eu prefiro colocar as mãos no bolso para ter mais coragem. É, de fato eu deveria mesmo ter trazido um relógio. Voltar para trás agora, porém, seria covardia. E para dizer o que estou sentindo, não preciso necessariamente de muito controle. Já vesti a minha melhor roupa e sei que isso é suficiente para deixar Maria orgulhosa. Se eu esconder as mãos, pode ser que ela perceba meu receio e sinta vergonha. Uma das últimas coisas que eu quero na vida é que ela tenha vergonha de mim. Por isso vesti a minha melhor roupa, para que ela sinta orgulho de mim enquanto eu estiver falando. Vou falar tudo sem colocar a mão no bolso, pois não tenho motivo para me descontrolar. Um relógio me deixaria assim, mas não tenho certeza.

QUATRO

Por outro lado, é verdade que um relógio de bolso a deixaria orgulhosa: ele é sempre um acessório muito elegante. Mas como eu vesti a minha melhor roupa, posso dispensá-lo. Eu me sinto seguro assim e dificilmente vou ter vontade de colocar as mãos no bolso. Claro, um bolso me deixaria mais controlado, como aquele senhor do pátio que, se não estou enganado, tinha um relógio pendurado no bolso. Um acessório muito elegante. Mas como vesti a minha melhor roupa, vou ter coragem para dizer tudo. Não quero deixar passar nem mais um dia, por isso eu vesti a minha melhor roupa. Hoje eu vou dizer tudo e, se ficar com vergonha, coloco as mãos no bolso. Maria vai ter que me perdoar, mas foi por isso que eu vesti a minha melhor roupa, para não sentir vergonha e para ela me perdoar.

CINCO

Acho que Maria não sente raiva de mim. Não posso garantir, claro, mas acho que ela é suficientemente observadora para perceber que eu vesti a minha melhor roupa. Eu me sinto bem assim, sabendo que ela não sente raiva. Isso me deixa mais seguro e me dá coragem para falar tudo de uma vez. Se estivesse com raiva, não me receberia. Ela deve estar sabendo que vim hoje. Telefonei antes e, como se não bastasse, deixei o meu documento na portaria. Aliás, foi lá perto que vi o homem com o relógio de bolso pendurado no colete. Se eu tivesse colocado um colete, poderia ter vindo de relógio, o que me deixaria mais controlado. Mas se Maria me deixou entrar, é porque não tem raiva de mim. Não preciso ter receio disso. Sempre achei uma mulher decidida: se ela não quisesse me receber, teria falado alguma coisa para os enfermeiros. Disso não preciso ter receio, pois ela sempre foi uma mulher decidida, com certeza vai me ouvir até o final.

SEIS

Eu só não quero que ela me julgue, que tire conclusões precipitadas. Por isso vesti a minha melhor roupa: para Maria saber que nunca fiz pouco caso. Se eu tivesse vindo antes, talvez ela se recusasse a me receber. Agora que eu vesti a minha melhor roupa, porém, posso falar tudo. O ideal é não perder tempo e ir direto ao assunto. Maria sempre foi uma mulher decidida, acho que ela não vai gostar se eu ficar enrolando. Qualquer coisa, coloco as mãos no bolso. Isso sempre me deixa mais seguro. E um relógio, mais controlado. Acho que não vai ser necessário, pois se eu estivesse com raiva, ela certamente não aceitaria me receber. Ora, bastava ele dizer a um dos funcionários que não queria me ver. Quanto a isso, posso ficar tranquilo. O problema vai ser se Maria me interromper.

SETE

Retardado, imbecil e fedorento é você, seu cavalo filho da puta de uma égua, sua mãe não tem uma casa nada para morar, seu filho de uma égua desgraçada que não tem casa nenhuma, não tem casa nenhuma aquela puta da sua mãe, seu cavalo filho de uma puta, não tem casa, sua mãe não tem casa nenhuma, aquela égua, seu cavalo filho da mãe, aquela égua é uma fedorenta desgraçada, seu filho de uma puta fedida e sem casa, a sua mãe é uma égua, seu cavalo filho de uma vaca desgraçada, a sua mãe não tem casa, não tem casa nenhuma aquela égua filha de uma puta, aquela puta fedorenta, não tem casa, não tem casa nenhuma seu desgraçado filho de uma égua desgraçada, aquela puta não tem casa, seu desgraçado filho de uma égua fedorenta, a sua mãe não tem casa, aquela égua filha de uma puta, aquela vaca desgraçada, seu filho de uma puta que não tem casa, seu desgraçado fedorento filho de uma égua desgraçada, não tem casa, não tem casa seu filho de uma puta desgraçada, não tem casa, não tem casa nada.

OITO

Maria acha, inclusive, que é por isso que o Manequim se recusa a falar com ela: só pode ser vergonha. Mas se o motivo for esse, ele pode ficar tranqüilo: ontem mesmo Maria comprou uma casa. Ela podia ter alugado (já que não pretende passar o resto da vida aqui), mas seria bobagem. Por que dar dinheiro para o proprietário, se a gente pode fazer o nosso próprio investimento? Toda alegre, Maria fechou a janela, trancou a porta que dava para a rua e foi contar a novidade para o Manequim. É, um homem vaidoso como ele nunca toparia sair com uma mulher que não tivesse uma casa. Um defeito, claro, mas quem não tem os seus? Maria, por exemplo, vive com a cabeça no mundo da lua: esqueceu a janela aberta! Depois de fechá-la e trancar a porta da rua, ela foi contar a novidade para o Manequim. Na esquina da loja, porém, reparou que o tempo estava escurecendo. Se a água entrasse pela janela, estragaria todo o colchão. Sem sombra de dúvida, o Manequim iria detestar. Correndo, Maria voltou para a casa nova, fechou a janela e trancou a porta que dava para a rua. A verdade é que ela deveria ter comprado a casa em outro lugar: no ponto de ônibus, os passageiros ficam curiosos e olham as coisas que ela colocou dentro do quarto. O jeito, pensou enquanto fechava a janela e trancava a porta da rua, vai ser comprar uma cortina.

NOVE

Muito indignada, Maria gritou que aquelas mulheres olhavam para o Manequim feito putas. Duas cadelas que não tinham educação suficiente para respeitar o homem dos outros. Uma gente sem vergonha, mais do que isso, um tipo de pessoa que não tem dignidade para manter um relacionamento sério. Um casamento cheio de amor, era o que ela pretendia dizer. Antes, gritou que, se quisessem, podiam ir até o endereço dela tirar satisfações. Não qualquer uma, de jeito nenhum. Orgulhosa, Maria gritou de longe para o Manequim que voltaria mais tarde. Assim poderiam conversar com mais tranqüilidade, longe daquelas putas que não se davam ao respeito. Que olhassem, que olhassem a tarde inteira. E se quisessem, se precisassem, ela tinha endereço. Não qualquer um, um que se dava ao respeito. Era isso, aliás, que ela queria conversar com o Manequim: que agora tinha um endereço de respeito. Uma casa de família, de família inclusive. Mas se aquelas putas aparecessem no quintal, aí não, aí Maria não sabe do que é capaz. A casa é arrumadinha, de gente honesta, mas o Manequim que desculpe.

DEZ

No entanto, fecharam a loja na cara dela e o Manequim não falou nada, não teve a dignidade de reclamar ou ao menos de pedir para que a deixassem entrar. A primeira sensação, claro, é a pior de todas: as pernas ficam fracas. Parece um pouco com a sensação de fome (mas nunca a de frio), as pernas amolecem. Mesmo assim Maria conseguiu voltar para casa, trancou pelo lado de dentro a porta que dava para a rua, fechou a janela e, lacrimejando de raiva, deitou na cama. Deu vontade de xingar, de mandar para a puta que o pariu, aquele desgraçado, mas Maria teve paciência, fez um gesto brusco e fechou a janela. Gente intrometida. Deitada outra vez, prometeu para si mesma que não ria chorar, isso não, não daria o gostinho. A sensação é parecida com a de fome. Com o frio, jamais. De madrugada, Maria pensou em se levantar e andar um pouco. Tinha curiosidade para ver se as pernas estavam um pouco mais fortes. Além disso, sentia fome.

ONZE

E um pouco de frio. Mas ela não tinha muita vontade de se mexer. Sentia um pouco de preguiça, e um peso muito grande logo acima da barriga. Ainda antes de clarear, Maria procurou forçar a concentração e, com um movimento parecido com o dos insones, tentou sentir o próprio corpo sem se mover. Queria ter a certeza de que estava viva. Os pés pareciam um pouco gelados, mas os joelhos estavam protegidos pelo cobertor. Poderia se encolher um pouco mais, só que isso atrapalharia a operação. Depois, fez muita força para sentir os quadris. Conseguiu. A barriga estava como sempre ali, mas ela não conseguiu ir acima dos seios. Não sentiu a cabeça. Confusa, porém, concluiu que se tinha conseguido coordenar todas essas sensações, devia estar com a cabeça no lugar. Dá uma raiva, é verdade, uma sensação de ódio e de desespero. Se fechasse a janela, talvez se sentisse um pouco mais tranqüila. Mas para isso ela precisaria se mexer.

DOZE

Até hoje ela conseguiu agüentar. Uns dizem que é orgulho demais. Mas, na mesma situação, muita gente reage exatamente como ela. É fácil jogar pedra no telhado dos outros. De vez em quando um pássaro entrava pela janela. Maria tentou apanhar um deles. Ao erguer a mão direita, porém, percebeu que o bichinho estava longe. Com dois dedos, cobriu o sol. Depois, divertiu-se escondendo com as mãos muitas janelas de um prédio. O tamanho das coisas sempre parece tão surpreendente. Alegre com isso, Maria achou que podia se levantar. De fato, ela não precisou sequer se apoiar no braço da cama: forçou as pernas encostada nas janelas daquele mesmo prédio que ela tinha coberto e, ereta, resolveu mais uma vez tentar sentir o corpo parte por parte. Agora, queria ter certeza de que conseguiria chegar à cabeça.

Ricardo Lísias é doutor em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP e autor de *Capuz* (Hedra, 2001), *Dos Nervos* (Hedra, 2004). “Corpo” é a novela que deu origem ao romance *Duas Praças* (Globo, 2005)